

CRIAÇÃO – ARTE, ELOGIO DA DESOBEDIÊNCIA

Creation - art, praise of disobedience

CARDOSO, Ângela¹, & COSTA VALENTE, António²

Resumo

O ato de criação como ato de resistência, insere-se neste Simpósio numa reflexão sobre duas premissas fundamentais: A primeira revela a experiência do momento em que o professor deixou de ser o repositório do conhecimento, se questiona sobre o constante e discordante «novo» que cada um dos seus alunos traz na sua génese de criador e conseqüentemente a cumplicidade para com essa desobediência transformadora; A segunda, revela a consciência de que o Ato de Criação se inscreve numa rutura constante que permite o questionamento, também constante do professor, do aluno, do sistema, do conhecimento construído. Fundamentando a partir de conceitos de ordem filosófica, a ideia de Arte e Ativismo é aqui reiterada pela prática artística contemporânea e pelo testemunho dos relatórios da Unesco (2015-2016) sobre a violação dos direitos à livre expressão da Arte e da Cultura.

Abstract

The act of creation as an act of resistance, is set in this Symposium, reflecting about two fundamental premises. The first reveals the experience of the moment the teacher was no longer the repository of knowledge, questioning about the constant discordant "new" that each of his students brings in their genesis of creator and consequently the complicity with this transforming disobedience; The second one reveals the awareness that the act of creation is inscribed in a constant rupture that allows the questioning, also constant of the teacher, of the student, of the system, of the constructed knowledge. Based on concepts of a philosophical nature, the idea of Art and Activism is reiterated here by contemporary artistic practice and the testimony of Unesco reports (2015-2016) on the violation of the rights to free expression of Art and Culture.

Palavras-chave: *Desobediência civil; Arte; Ato de resistência.*

Key-words: *Civil disobedience; Art; Act of resistance.*

Data de submissão: fevereiro de 2017 | **Data de aceitação:** dezembro de 2019.

¹ ÂNGELA CARDOSO - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. E-mail: indi-visivel@hotmail.com

² ANTÓNIO COSTA VALENTE – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade de Aveiro, PORTUGAL. E-mail: avalente@ua.pt

INTRODUÇÃO

O pensamento é dedutivo e simples. Ele parte de dois ramais, oriundos respetivamente da experiência como docente, e da experiência como artista visual. São eles: 1. O ato de criação como ato de desobediência; 2. A criação artística como ato de desobediência.

Propomos então, fazer o que os músicos chamam contraponto, ou seja: SOBREPOR LINHAS MELÓDICAS E FAZÊ-LAS INTERAGIR. Estas linhas melódicas, são oriundas da Filosofia, nos conceitos de desobediência civil, ato de criação como ato de resistência, e também da política, com os últimos relatórios da UNESCO sobre a violação dos direitos à livre expressão da arte e da cultura, cujos TESTEMUNHOS (obras e artistas) consolidam a ideia de que: Arte e Ativismo têm cada vez mais lugar na vida e na obra dos artistas.

Sendo a crença no direito à desobediência um vínculo comum. Em relação às premissas indicadas, a sua aparência é idêntica, no entanto: A primeira revela a experiência do momento em que o professor deixou de ser o repositório do conhecimento, se questiona sobre o constante e discordante “novo”, que cada um dos seus alunos traz na sua génese de criador e conseqüentemente a cumplicidade para com essa desobediência transformadora. A segunda revela a consciência de que o ato de criação se inscreve numa rutura constante que permite o questionamento, também constante do professor, do aluno, do sistema, do conhecimento construído.

Daí a importância da aproximação dos alunos às preocupações dos artistas na contemporaneidade.



Imagem n.º 1 - Tiananmen Square, protestos de 1989.

1. DESOBEDIENTES

Partindo do todo para as partes, passamos então a abordar a ideia de desobediência civil. O direito à não obediência de um sistema contém em si um historial que nos remete para H. Thoreau (*em cima à direita*).

Henry Thoreau, nascido nos Estados Unidos (1817-1862), ensaísta, poeta, naturalista, ativista, viveu nos bosques em autossuficiência. Decide não pagar impostos por não querer ajudar a financiar a guerra contra o México. A caminho do seu sapateiro foi preso e é na prisão, com 32 anos, que escreve a obra “DESOBEDIÊNCIA CIVIL”. Defende a desobediência civil como oposição individual ou de um grupo ao estado.

Leon Tolstoi recomenda o ensaio a um jovem Indiano, preso na África do Sul, Mahatma Gandhi, e esta obra ajudá-lo-ia a derrubar o império britânico.



Definindo desobediência civil como “uma forma de protesto” (...) que se opõe a uma ordem, que possui comportamento injusto ou um governo visto como opressor.

Buscando uma forma ativa de resistência, aquele que pratica a desobediência civil, escolhe deliberadamente quebrar certas leis fazendo isto, na expectativa de ser preso ou atacado pelas autoridades sem esboçar resistência.

A desobediência civil possui um cunho jurídico, mas não precisa de leis para garanti-la, por ser um meio de garantir outros direitos humanos como o direito à liberdade e à vida. (...) É uma forma de expressão do DIREITO DE RESISTÊNCIA, uma espécie de direito de exceção, em que qualquer pessoa pode resistir contra qualquer fator que ameace a sua sobrevivência, ou represente violência a valores éticos ou humanistas. Henry Thoreau afirma:

Penso que devemos ser homens em primeiro lugar, e depois súbditos. Não é desejável cultivar pela lei o mesmo respeito que cultivamos pelo direito. A única obrigação que tenho, é o direito de assumir e de fazer aquilo que considero justo (Thoureau, 1987, p. 12).

“O estado nunca enfrenta intencionalmente a consciência intelectual de um homem, mas apenas o seu corpo e os seus sentidos. Não está equipado com inteligência ou honestidade superiores, mas com força física superior” (Thoureau, 1987, p. 20).

A filósofa Hannah Arendt, privada de direitos e perseguida na Alemanha, como mulher judia, presa, acabou por imigrar. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade a 1937, ficou apátrida até ter nacionalidade americana em 1951.



Em relação à desobediência civil, a filósofa, tem um longo trabalho e considera do seguinte modo:

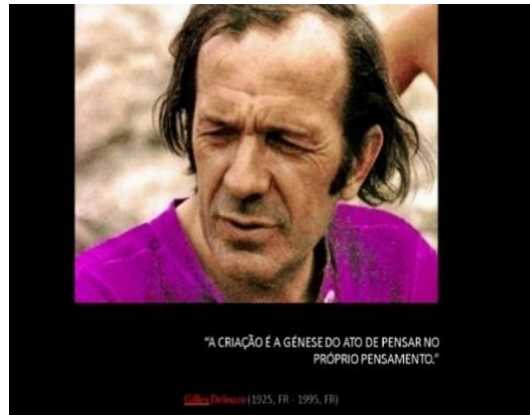
O maior erro deste debate, é a suposição de que estamos a tratar com indivíduos que se colocam subjetivamente contra leis e costumes da comunidade. (...) Estamos a tratar com minorias organizadas que se levantam contra maiorias supostamente inarticuladas embora nada silenciosas. Considero que estas maiorias tenham mudado em ânimo e opinião num grau espantoso sobre pressão das minorias. Os nossos debates são dominados por juristas pois para eles é difícil reconhecer o contestador civil como membro de um grupo, ao invés de vê-lo como transgressor individual.³

A história individual dos insubmissos é a história da humanidade e é também a história da arte, seja no sentido de testemunho formal, de resistência ao CANONE e, ou no sentido de testemunho sublime da arte, em atos de resistência, de que obras como o “Fuzilamento de 3 de Maio” de Francisco de Goya (1746-1828) e “Guernica” de Pablo Picasso (1881-1973).

³ <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=b495ce63ede0f4ef>.

2. ATO DE RESISTÊNCIA

Neste sentido, é quando testemunhar e desobedecer se torna num ato de resistência de que a arte toma um “rosto humano”. Em nada desligado do ato de desobediência civil, anteriormente apresentado, a obra de arte como ato de resistência, é pensada em 1987 pelo filósofo Gilles Deleuze no seu texto, “O QUE É O ATO DE CRIAÇÃO?” afirmando:



Porque a informação é um sistema controlado de palavras de ordem, palavras de ordem que têm lugar em determinada sociedade. - O que é que arte tem a ver com isto? O que é a obra de arte? Dir-me-ão: “Isso não quer dizer nada”. Então não falemos de obras de arte, falemos sobre a contra-informação. Por exemplo, nenhuma contra-informação ganhou a uma ditadura. Salvo num caso. Ela é efectivamente eficaz quando é – e é-o por natureza – um acto de resistência. (...) A arte é a única coisa que resiste à morte. E se me permitem volto a dizer: o que é ter uma boa ideia em cinema? O que é ter uma ideia cinematográfica. Acto de resistência. Desde Moisés, até à última obra de Kafka, até Bach. Recordemos que a música de Bach é o seu acto de resistência, de luta activa contra a diferenciação do Sagrado e do Profano. Este acto de resistência na música culmina com um grito. Há um grito em Bach: “Fora, não quero ver-vos”. A partir disto parece-me que o acto de resistência tem duas caras: é humano e é também acto de arte. Só o acto de resistência resiste à morte, seja sob a forma de obra de arte, seja sob a forma de uma luta de homens⁴.

O escultor Rui Chafes, reflete sobre o “rosto humano” deste ato de resistência, afirmando: “A componente política da arte, há momentos em que as pessoas e também os artistas têm que protestar sobre o que se passa no mundo, dizer o que pensam, dizer “já chega” (Chafes, 2015, p. 121).

Estamos a atravessar momentos desses, em que uma enorme e violenta crise mundial está a esmagar a liberdade e a dignidade das pessoas.

O corpo total do artista, o “atleta afetivo” explicita vários modos que de autonomia formal, na sua manifestação com o mundo exterior e o corpo – emanência.

⁴ <http://contosrizomaticos.blogspot.pt/2014/03/gilles-deleuze-o-que-e-o-atode-criacao.html>.

3. MAPAS DE DESOBEDIÊNCIA

Crime e castigo são causa e consequência questionada na comunidade artística mundial em que o direito à desobediência é inquestionável. Neste propósito, passamos a apresentar o relatório da UNESCO “RE/SHAPING CULTURAL POLICES”⁵ que inclui um capítulo sobre liberdade de criação abordando questões tais como:

- As liberdades fundamentais são um ingrediente essencial para o bem-estar dos cidadãos e das sociedades. São necessárias à dinâmica do desenvolvimento social, da estabilidade das artes e das indústrias culturais e criativas.
- Restrição à liberdade artística e acesso à expressão artística, geram um importante valor cultural, social e económico. Privar artistas do seu meio de expressão e sobrevivência, cria um ambiente instável para todos os que estão ligados à arte e às suas audiências.

A ameaça à liberdade artística é menos comunicada em comparação com os maus tratos aos jornalistas ou outros profissionais dos media. Isto leva a uma visão limitada da verdadeira escala destes ataques, em particular, dos maus tratos aos artistas que são comprometidos socialmente e aos seus apoiantes. Este relatório tem como objetivo implementar a convenção da UNESCO de 2015 para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Esta é a primeira vez que os estados da União Europeia são solicitados a depor sobre a proteção e a promoção das expressões artísticas.



Há demasiados países a violar as convenções internacionais, e são países em que existe uma boa estatística a nível dos direitos humanos. Os artistas são atacados por militantes, ou grupos de sociedade civil, ligados a grupos políticos ou movimentos religiosos.

A liberdade artística está sobre uma enorme tensão em vários países.

O relatório FREEMUSE indica setenta países. O FREEMUSE⁶ é um assessor da convenção da UNESCO para a proteção das expressões artísticas e culturais.

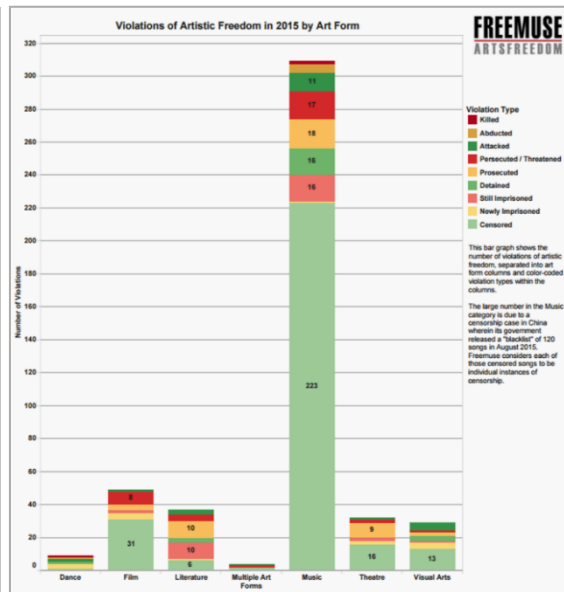
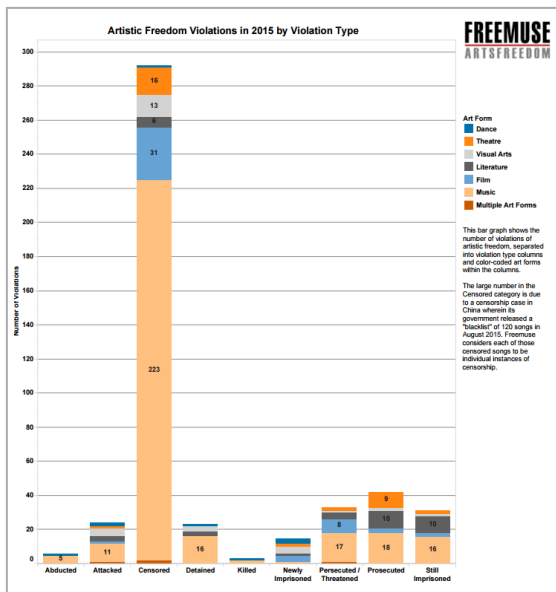
⁵ <http://en.unesco.org/creativity/unesco-global-report-reshaping-culturalpolicies-2017-call-proposals>.

⁶ <http://freemuse.org/artunderthreat2016>.

A liberdade artística inclui o direito ao acesso a eventos culturais. As nações unidas têm legislado e dado atenção a este facto.

Em 2015, subiram para 25% os ataques a artistas. Registaram-se mortes, ataques, raptos, prisão sem julgamento e maus tratos e mais 224% de atos de censura.

Estes casos em 2015 incluem: 3 artistas mortos; 15 presos sem formação de culpa; 31 em prisão; 100 raptos; 24 psicologicamente atacados; 33 perseguidos e violentados; 23 detidos; 292 atos de censura.



A china lidera esta listagem de violações sérias, seguida pelo Irão, Rússia, Burundi, Síria e Turquia.

O que é que move, as violações à liberdade dos artistas em 2015?

- Os ataques políticos dominam em vários países, mas o ano de 2015 viu aumentados os ataques com motivação religiosa.

Paris, experienciou dois dos piores ataques: à liberdade artística, Charlie Hebdo e acesso à cultura, sala de espetáculos Bataclan.

- Extremismo religioso estrangula a atividade dos artistas, em locais dominados pelos taliban no Paquistão, Afeganistão e Daesh, Síria e Iraque.
- Os fundamentalistas também limitam totalmente a liberdade artística no Northern Mali, Nigéria e Somália.

- É impossível estimar quantos artistas e ataques a artistas são cometidos, mas na realidade há milhões de pessoas impedidas de terem acesso a experiências culturais e artísticas.

4. ARTE E ATIVISMO



Em 5 de Setembro de 2016, estes mapas alargam os seus números.

Um ano depois da criança Síria ter dado à costa nas praias da Turquia, a organização e o diretor da Bienal, dedicam esta edição a todas as pessoas envolvidas na ajuda a refugiados.

A 5ª Bienal de Arte de Çanakkale (Turquia), foi cancelada duas semanas antes da abertura, como resultado da atmosfera de guerra e conflito que reflete a situação do país.

O diretor da Bienal afirma: “Continuaremos a lutar pelos valores da arte e da Bienal”⁷.

Em continuidade da nossa apresentação, cujo fio condutor se reafirma na frase de Henry Thoreau “O talento limita-se a indicar a profundidade do carácter numa certa direção” (Thoreau, 1987, p. 80).

“A desobediência é o verdadeiro fundamento da liberdade”⁸.

Passamos a apresentar a uma escala de criação individual, alguns artistas cujo pensamento e ação são paradigmas de arte e ativismo.

⁷ <http://www.canakkalebienali.com/>

⁸ https://www.brainyquote.com/quotes/authors/h/henry_david_thoreau.html

Ai Weiwei (1957 Pequim), artista e ativista social, publicamente conhecido como assessor artístico na construção do Ninho De Pássaro, Estádio Nacional de Pequim.



Ai Weiwei – Filme biográfico “Never Sorry” (2012)

Imagem N.º 2 - Ai Weiwei – Estádio Nacional de Pequim (Ninho de pássaro) 2003-2008.

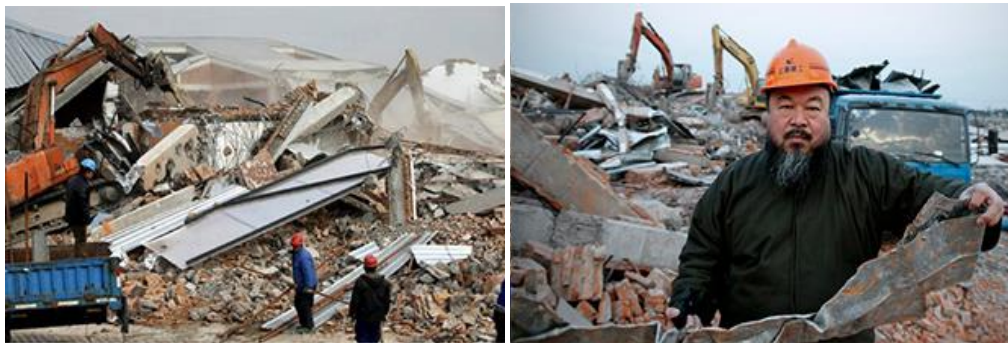


Imagem N.º 3 e 4 - Shanghai (2012) – Destruição de Estúdio de Ai Weiwei por parte das autoridades chinesas.

Em novembro de 2010 ficou em prisão domiciliária depois de anunciar a organização de uma confraternização em que pretendia denunciar a demolição do seu estúdio. Ação imediatamente proibida pelas autoridades chinesas, indicando a sua ilegalidade. Com toda a documentação em ordem, Weiwei afirma que a atuação do governo é uma represália pelo seu apoio à dissidência no país. O governo chinês ordena a total demolição do seu estúdio (Investimento, 1 Milhão de Euros).

Em abril de 2011, Weiwei é preso ao embarcar para Hong Kong, e o seu estúdio arrasado voltou a ser invadido por mais de quarenta polícias.

Depois de pressão de meios diplomáticos internacionais e da comunidade artística internacional, foi libertado após três meses de detenção em local desconhecido.

Destacamos aqui duas obras: *Sunflower Seeds* / *Refugee Life Jackets*. Esta é uma instalação sensorial e emersiva, criada para a Tate Modern Turbin Hall⁹. Encheu o enorme Hall com 100.000.000 (cem milhões) de sementes de girassol em porcelana, pintadas em 150 tons, produzidas à mão por artesãos chineses.



Aclamadas como as “sementes da esperança”, a obra, em parte “profecia”, em parte “instigação” é intrigante e contemplativa. Trabalharam nela mais de 1600 artesãos em Jingdezhen (a cidade que produzia a porcelana imperial), numa época em que os indivíduos eram privados da sua identidade e liberdade e a propaganda mostrava Mao Tse Tung como sendo o sol e as pessoas os girassóis à sua volta. Nessa época, as sementes de girassol tornaram-se um gesto de compaixão quando partilhados como alimento num tempo de fome (revolução cultural 1966-1976).



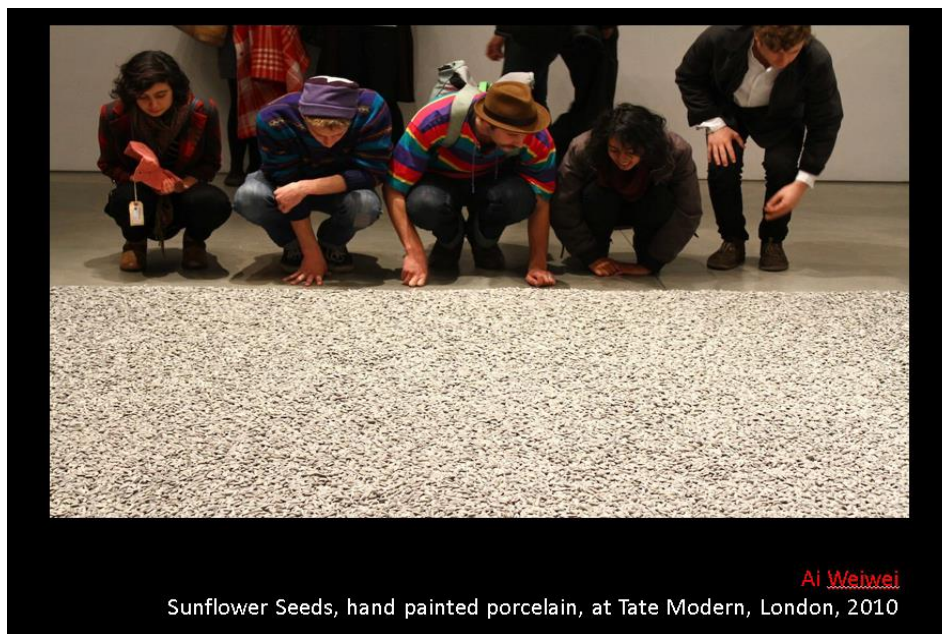
Para o artista, esta é uma obra que é composta por cem milhões de peças de arte. O trabalho artesanal de dedicação e paciência, tempo e energia, representa que cada semente é diferente e única, tal como os 1600 trabalhadores que cumpriram o seu dever. Através de uma



⁹ <http://www.tate.org.uk/>

semente de girassol, Ai Wei Wei cria um efeito dominó, magnificando o processo cem milhões de vezes. Tal como outras obras do artista, esta está relacionada com a sociedade, a política e a economia da China. Alude à globalização e produção em massa, que serve o consumismo ocidental, estando no topo da cadeia de produção centenas de elementos insignificantes.

“Sunflower Seeds” de Ai Weiwei, providencia trabalho a 1600 artesãos, um facto que é uma reflexão irónica da realidade social. O artista chama-lhe, esculturas sociais, criando uma relação entre o individual e o coletivo. Weiwei transforma os recursos locais num manifesto poético e provocador da arte contemporânea, inteligente e audaz, subvertendo a tradição e encorajando a reforma.

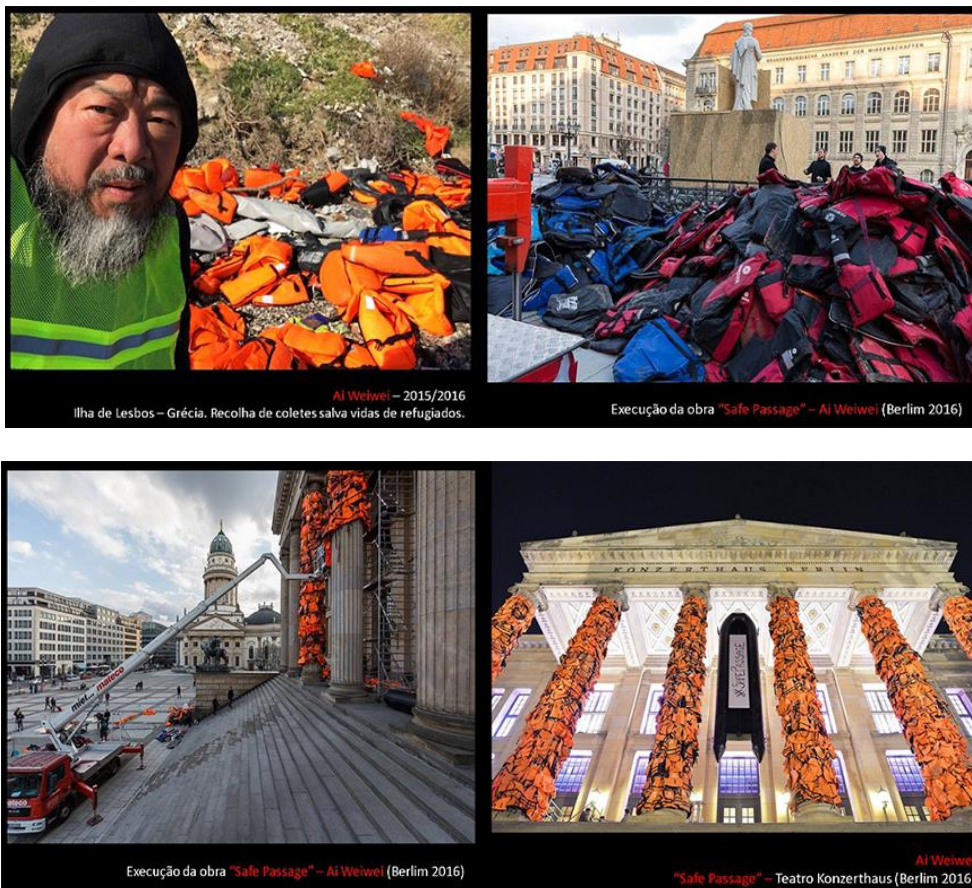


Enquanto os visitantes passeiam pelas pequenas sementes de porcelana, que cobrem os 1000 metros quadrados de Tate Modern, acreditando que o potencial da arte é criar significados para o auto-conhecimento e desenvolvimento do indivíduo, Weiwei pergunta: “o que significa ser um indivíduo na sociedade de hoje?” (...) “Somos insignificantes ou impotentes a menos que ajamos em conjunto?”¹⁰.

Com uma identidade visual recente, gostaríamos ainda de apresentar mais uma obra de Ai Weiwei, em linha de continuidade com a reflexão de Deleuze sobre a arte como ato de resistência, Deleuze, em “O que é o ato de criação?” afirma:

¹⁰ <http://www.tate.org.uk/>

“O ato de resistência tem duas caras, é humano e é também ato de arte. Só o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de obra de arte, seja sob a forma da luta dos homens. Qual é a relação entre a luta dos homens e a obra de arte? Esta é para mim a relação mais estreita e mais misteriosa”¹¹.



Nos pilares do Teatro Konzerthaus – Berlin, Ai Weiwei em 2016, cria a obra Safe Passage, a partir da recolha de de 14 mil coletes de salva vidas e uma barco insuflável de refugiados, abandonados na ilha grega de Lesbos.

São colocados nas colunas do teatro de Konzentaus de Berlin, questionando o lugar e a construção de pilares sociais e humanos deste enorme grupo de pessoas.

Mais de meio milhão de pessoas que fogem da Síria, Afeganistão, Iraque e outros países afetados pela guerra e pobreza no Médio Oriente e África chegaram na ilha desde o ano passado na esperança de continuar suas vidas na Europa. A instalação de Ai Weiwei também chama a atenção para o fato de que muitos refugiados não chegam ao seu destino vivos e este grande número de coletes representa as suas vidas.

¹¹ <http://contosrizomaticos.blogspot.pt/2014/03/gilles-deleuze-o-que-e-o-atode-criacao.html>



Tal como afirma o artista, “Seeds Grow.. the crowd will have its way, eventually”.
“As sementes crescem... A multidão encontrará o seu caminho, eventualmente”¹².

MANIFESTOS



Os MANIFESTOS têm-se apresentado na história da arte como clássicos de resistência, não obediência, de instigação ao cânone, seja ele de sentido formal ou concetual, na comunicação estética de um grupo ou de um indivíduo.

É neste contexto, que nos servem de aproximação à LINHA DE PENSAMENTO desta apresentação, em que a criação artística traz no seu âmago “o ato de resistência”.

A partir de 1982 surgem novos manifestos sob o leque dos paradigmas da relação Arte-Ciência-Tecnologia:

¹² <http://aiweiwei.com/>

1982- International Association Astronomical Artists Manifest (Arte Ciência)

1985 – Cyborg Manifestum (Inteligencia artificial)

1997 – Extropic Art Manifesto (Arte e Tecnologia)

1999 – Stuckist Turner Prize (Arte e direitos humanos)

Em 2006 encontram-se ainda as seguintes publicações: Manifesto of Visionary Art, Eco-Art Manifesto, Symbiotic Art Manifesto, Humanitarian Art Manifesto, The Manifesto of Art Guerrilha Movement.

Dentro do limiar do VIRTUAL, portal de todas as desobediências, citamos o HACKER MANIFEST como a idealização de uma porta para onde convergem todas as fugas, fechando um círculo através da HIGH TEC - alta tecnologia (Cardoso, 2015, p. 230).

No séc. XX os artistas tomam da política o género "manifesto". A declaração de guerra em 1914 estava contida num documento que se intitulava "manifesto".

Introduzidos com os futuristas e adotados pelos dadaístas e surrealistas, o período que se segue à II Guerra Mundial cria os manifestos mais determinantes no seu género.

André Breton escreve, em 1924, o primeiro documento que daria origem ao Manifesto Surrealista, tendo-o definido como:

(...) Um automatismo psíquico no seu estado puro, pelo qual nos propomos a expressar verbalmente, por intenções escritas, ou de outra forma determinada pelo actual funcionamento do pensamento. Ditado pelo pensamento, sob a ausência de qualquer controle exercido pela razão, isento de toda a preocupação moral ou estética¹³.

Citamos do Hacker Manifest as seguintes passagens:

“Hack (é objeto e sujeito)” (...) “Seja qual for o código que nós pirateamos, seja linguagem em poética, matemática ou música, nós criamos a possibilidade de integrar novas coisas no mundo” (...) “Na arte, na ciência, na filosofia e na cultura, em qualquer produção de conhecimento onde se possa fazer uma colheita de dados através dos quais se possa extrair informação, haverá piratas criando novas formas a partir das velhas. E tudo o que criamos é hipotecado por outros, é dirigido para o interesse dos outros”

¹³ In: Manifeste du Surréalisme, Tradução da citação: «SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual nos propomos exprimir, seja verbalmente, seja de outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado pelo pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, isento de qualquer preocupação».

(Cardoso, 2015, p. 234) (...) “A informação depende da matéria física, não existe um estado puro e imaterial” (...) “Libertar a informação do seu constrangimento material” (...) “Os hackers trabalham para libertar as produções da abstração das suas formas de propriedade. Os hackers devem calcular os seus interesses não como possuidores mas como produtores O que torna o nosso mundo diferente é que o que aparece agora no horizonte é a possibilidade da sociedade finalmente se sentir liberta da necessidade, real e imaginada, através de uma explosão das inovações da abstração” (...) “A produção realiza não apenas o objeto resultante do processo de produção, mas também o produtor enquanto sujeito” (...) “A produção de excesso da informação, cria a possibilidade da expansão da liberdade da necessidade” (...) “O virtual é o verdadeiro domínio do hacker. É do virtual que o hacker produz todas as novas expressões do atual” (...) “Para o hacker tudo o que é representado como sendo real é sempre parcial, limitado e talvez mesmo falso” (Cardoso, 2015, p. 240) (17) (...) “O primeiro e principal interesse hacker reside na liberdade de circulação de informação; mas o hacker enquanto classe tem um interesse na representação do hack como propriedade estatuto, como algo a partir do qual deve derivar uma fonte de proveitos que dê ao hacker uma independência de classe. Questões para uma futura consciência de classe” (...) “O desafio Hacker aponta para o criador despossuído da sua criação” (...) “É uma nova informação, fora da Informação” (...) “A class hack tem interesse na possibilidade da liberdade mais do que num direito exclusive”.

Este ativismo em que alguns artistas que têm no instrumento tecnológico o seu médium, sofreu de apropriação hacker, desvirtuando o conceito de resistência e virtualidade, consignada pelos autores do manifesto.

5. CONCLUSÃO

Conceitos e exemplos aqui apresentados, pretenderam trazer um registo em que a desobediência civil e a arte como ato de resistência, arte e ativismo, nos remetem para a suma importância da diferenciação e liberdade de processos de criação artística.

Não podemos deixar de pensar o direito à criação artística e à cultura como um direito inviolável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chafes, R. (2015). *Sob a pele*. EGEAC. Lisboa: Atelier Museu Júlio Pomar.
- Cheng, F. (2005). *Vacio e Plenitude*. Madrid: Siruela.
- Chevrier, F. J. (2011). *Les Relations du corps*. Paris: L'arochnéen.
- Deleuze, G., & Bacon, F. (2004). *A lógica da sensação*. Lisboa: Orpheu Negro.
- Thoureau, H. (1987). *A desobediência civil*. Lisboa: Antígona.
- Cardoso, A. (2015). *Génesis do Pensamento de Obra de Arte. Forma, Ubiquidades e Materializações*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real.

WEBGRAFIA

- <http://freemuse.org/artunderthreat2016>
- www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=b495ce63ede0f4ef
- <http://en.unesco.org/creativity/unesco-global-report-reshaping-cultural-policies-2017-call-proposals>
- http://wikilivres.info/wiki/Manifeste_du_surréalisme
- https://www.brainyquote.com/quotes/authors/h/henry_david_thoreau.html
- www.aiweiwei.com
- www.canakkalebienali.com
- www.contosrizomaticos.blogspot.pt/2014/03/gilles-deleuze-o-que-e-o-ato-decriacao.html
- www.tate.org.uk